



A descrição poética da  
*urbs* e a Convenção  
dos Heróis Fundadores  
no Livro VIII da *Eneida*:  
Hércules, Evandro  
e Eneias

*Thiago Eustáquio Araújo Mota*

Doutor em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professor da Universidade de Pernambuco (UPE/Campus Petrolina). [theamotta@gmail.com](mailto:theamotta@gmail.com)

## A descrição poética da *urbs* e a Convenção dos Heróis Fundadores no Livro VIII da *Eneida*: Hércules, Evandro e Eneias

The poetical description of the *urbs* and the Convention of the Founding Heroes in *Aeneid* book 8: Hercules, Evander and Aeneas

Thiago Eustáquio Araújo Mota

### RESUMO

Neste artigo analisamos um trecho do Livro VIII da *Eneida* no qual o herói troiano visita o sítio da futura Roma, sendo acolhido pelo grego Evandro, fundador de Palanteu, na mesma ocasião em que os árcades comemoram a passagem de Hércules pelo Lácio. Das margens do Tibre até o Palatino, o anfitrião conduz o hospede troiano por espaços que eram familiares ao público da epopeia. A partir do procedimento histórico hermenêutico, problematizamos as escolhas do poeta na compilação de narrativas fundacionais distintas que oferecem, por sua vez, uma etiologia para os monumentos e espaços religiosos da *urbs*: entre outros, Ara Máxima, Lupercal, Porta Carmentalis, Capitólio. Diferentemente das narrativas de viagem, a construção poética de Roma no Livro VIII da *Eneida* reúne aspectos de distintas temporalidades da mesma cidade. Com o propósito de compreendermos as referências topográficas da *Eneida*, para além da análise hermenêutica e exegética do texto latino, dialogamos com a documentação contemporânea a Virgílio, como as obras de Tito Lívio, Dionísio de Halicarnasso, assim como os dados fornecidos pela Arqueologia.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Eneida*; temporalidades narrativas; Roma.

### ABSTRACT

In this paper we analyze an excerpt from Book VIII of the *Aeneid* in which the Trojan hero visits the site of the future Rome, where he is welcomed by Evander, the Greek, founder of Palanteum, when the arcades celebrated the passage of Hercules through Lazio. From the banks of the Tiber to the Palatine Hill, Evander leads the Trojan guest through spaces that were familiar to the public of the epopee. Based on the hermeneutical historical procedure, we problematize the poet's choices in compiling a number of foundational narratives that put forward, in turn, an aetiology of the monuments and religious spaces of the *urbs*: Ara Maxima, Lupercal, Porta Carmentalis, Capitoline Hill. Different from travel narratives, the poetic construction of Rome in book 8 assembles aspects of a variety of temporalities of the same city. In order to understand the topographical references of *Aeneid*, our study encompasses, in addition to the hermeneutic and exegetical analysis of the Latin text, sources contemporary to Virgil, such as the works of Livy, Dionysius of Halicarnassus, as well as data provided by archeology.

**KEYWORDS:** *Aeneid*; temporalities; Rome.

<sup>1</sup> Neste artigo utilizamos as seguintes traduções e edições para a obra de Virgílio: VIRGÍLIO. *Eneida*. Trad. José Victorino Barreto Feio e José Maria da Costa e Silva (Livros IX – XII). São Paulo: Martins Fontes, 2004; VIRGÍLIO. *Eneida*. Trad. Eugenio de Ochoa. Buenos Aires: Losada, 2004 (edição latim-espanhol); VIRGIL. *Aeneid*. Transl. Rushton Fairclough. London: William Heineman, 1916 (The Loeb Classical Library) (edição: latim-ínglês); VIRGÍLIO. *Eneide*. Trad. Vittorio Sermonti. Milano: Bur Rizzoli, 2007 (edição latim-italiano); VIRGÍLIO. *Eneida*. Trad. Odorico Mendes. Campinas: Editora da Unicamp, 2005; VERGILIVS. *Opera. Vol II. Aeneis*. Ed. Remigius Sabbadini. Roma: Typis Regiae Officinae Polygraphicae, 1930.

<sup>2</sup> Sobre a reprodução e reapropriação dos versos de poetas nos grafitos de Pompéia, ver MILNOR, Kristina. *Graffiti and the literary landscape in Roman Pompeii*. Oxford: Oxford University Press, 2014. Para um estudo mais aprofundado dos *Exercitationes Scribendi*, conferir o artigo que publicamos a respeito: MOTA, Thiago Eustáquio Araújo. Do mercado de livros ao acampamento militar: um estudo da difusão da *Eneida* no Império a partir dos *Exercitationes Scribendi*. *Romanitas: Revista de Estudos Grecolatinos*, n. 10, 2017.

<sup>3</sup> Ver VIRGIL. *Aeneid, op. cit.*, I. 223-304. Transl. Rushton Fairclough. 1916.



Logo nos dois primeiros séculos de sua publicação, a *Eneida*<sup>1</sup> alcançou uma rápida difusão nos quadros do Império Romano. O poema épico narra a jornada do herói, filho de Vênus, que por anos vagou até o litoral

itálico com o propósito de fundar uma nova Tróia. Composta entre 29 e 19 a. C., a epopeia de Virgílio veio a público a partir do trabalho de edição realizado pelo amigo e confidente Vário e por intervenção do próprio Imperador. Entre os testemunhos epigráficos mais antigos do poema estão os grafitos de Pompeia que sugerem a popularidade dos versos da proposição, especialmente do “*arma uirumque cano*”, encontrado em vários logradouros da cidade. As citações diretas e incontáveis alusões à *Eneida* nos escritos de Sêneca, Marcial, Quintiliano e Agostinho revelam o lugar de prestígio que o poeta ocupou nos círculos literários e no aprendizado do latim clássico. Para além das referências nos autores da Antiguidade, o uso escolar e mnemônico da *Eneida* é atestado também pela evidência arqueológica como os papiros com exercícios de escrita descobertos na província do Egito.<sup>2</sup>

Apesar de projetada em um tempo heroico, a narrativa poética da *Eneida* tem seu valor como testemunho histórico e aparece como importante registro das práticas, instituições e do imaginário romano. Do ponto de vista da taxonomia do gênero épico, não falta à *Eneida* nenhum dos seus motivos convencionais: o começo *in media res*, a invocação das musas, o empreendimento heroico anunciado no proêmio, o vocabulário distante da prosódia, a maquinaria divina, a descrição das armas e dos combates. Todavia, o poema épico de Virgílio apresenta particularidades marcantes na adaptação destes lugares comuns e na arquitetura temporal da narrativa. Desta maneira, o poeta de Mântua dá expressão à proposta de recriação e adaptação no sentido romano do termo, ou *aemulatio*, adaptando para um público de leitores/ouvintes uma forma já conhecida da cultura helênica e mediterrânica em geral.

Mesmo projetada na idade heroica do Lácio, a narrativa oferece vislumbres do porvir na forma de profecias, oráculos e prodígios. Assim como na narrativa dos historiadores e de outros poetas épicos que trataram dos primórdios da cidade, Roma já aparece predestinada à grandeza. Na epopeia virgiliana, a técnica narrativa conhecida como *prolepsis*, *πρόληψις*, ou “ação de tomar antes”, permite a antecipação de eventos que, garantidos pelo *fatum*, ainda irão se consumir. O recurso, que existe desde os poemas homéricos, ganha na *Eneida* uma função complementar, ou seja, de anunciar acontecimentos que estão em um futuro distante e, por isso, extrapolam o tempo da ação no poema. A título de exemplo, podemos citar a profecia de Júpiter<sup>3</sup> que anuncia o Império de Roma e a descrição, *écfrase*,<sup>4</sup> do escudo de Eneias preenchido com cenas da história vindoura.<sup>5</sup> O classicista argentino Hugo Francisco Bauzá, no livro *Virgílio y su tiempo*, identifica nestas passagens não profecias propriamente ditas, mas “*postfecias*”, originadas a *posteriori*, pois trazem à tona acontecimentos que o público romano, em geral, sabia como consumados e não desconhecia a ordem dos fatos.<sup>6</sup>

Em parte deste “futuro prognosticado”, a audiência do poeta poderia discernir acontecimentos recentes na memória, como a divinização de César, a Batalha do Ácio, o Triunfo de Augusto e o funeral de Marcelo. Este amálgama temporal que dilui as fronteiras entre o passado heroico e recente não passou despercebida aos primeiros apreciadores da epopeia. A anedota contada sobre o desmaio de Otávia em um dos primeiros recitais da *Eneida* sugere isto. Segundo a biografia tardo antiga do poeta,<sup>7</sup> a irmã do *Princeps* não resistiu ao impacto do verso “*tu Marcellus eris*”<sup>8</sup> – “tu serás Marcelo” – desfalecendo imediatamente e só, a muito custo, reanimada.<sup>9</sup> Trata-se de uma alusão a Marco Cláudio Marcelo, filho de Otávia e poten-

<sup>2</sup> Forma aporuguesada do grego *ekphrasis* (“ἐκφρασις”). Através da vivacidade descritiva, o poeta (ou orador) procurava colocar o acontecido ou o ausente na presença do público interlocutor. Segundo Ruth Webb, no livro *Ekphrasis, imagination and persuasion in ancient rhetorical theory and practice*, o que se esperava da potência verbal do orador ou *uates* era que esse moldasse e trabalhasse com a galeria mental de seus ouvintes. Lembra essa autora que não podia haver uma dissonância entre o orador, o público e o repertório de signos compartilhados. Nesse sentido, a *écfrase* é um recurso utilizado para enriquecer a *narratio* e estimular essa galeria mental compartilhada, possibilitando a visualização do acontecido através de palavras. Cf. WEBB, Ruth. *Ekphrasis, imagination and persuasion in ancient rhetorical theory and practice*. London: Ashgate, 2009, p. 131-135.

<sup>3</sup> Ver VIRGIL. *Aeneid*, op. cit., VIII. 608-728. Transl. Rushton Fairclough. 1916.

<sup>4</sup> Ver FRANCISCO BAUZÁ, Hugo. *Virgilio y su tiempo*. Madrid: Akal, 2008, p. 210.

<sup>5</sup> Além do relato biográfico que precede o comentário de Sérvio à *Eneida*, a mais antiga e completa biografia sobre Virgílio é a que nos chegou pelas mãos do gramático Élio Donato (350 d. C.). Trata-se de uma reprodução, aparentemente fidedigna, da biografia de Virgílio redigida por Suetônio e incluída numa seção a parte do *De Viris Illustribus* dedicada aos poetas *De Poetis* (ver CITRONI, M. CONSOLINO, F. E., LABATE, M. e NARDUCCI, E. (orgs.) *Literatura de Roma Antiga*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006, p. 447). Por essa razão, alguns teóricos referem-se a ela como a *uita* de Suetônio-Donato. Não é o caso da versão da LOEB, com a qual trabalhamos aqui, mas cabe registrar tal especificidade da genealogia documental.

<sup>6</sup> VIRGIL. *Aeneid*, op. cit., VI. 883. Transl. Rushton Fairclough. 1916.

<sup>7</sup> Ver SUETÔNIO. Vida de Virgílio, 32 e 33. Neste artigo trabalhamos com a seguinte tradução do latim para o inglês: SUETONIUS. Life of Vergil. In: SUETONIUS. *Lives of famous men*. London: William Heinemann, 1914.

<sup>10</sup> A descrição inspirou o pintor Jean-Joseph Taillasson que, numa tela de 1787, retrata o imponente *uates* com o braço erguido, ao estilo do orador romano, todo empenhado em sua *recitatio*; no canto direito está a desalentada Otávia, amparada apenas por uma escrava. O quadro beira o exagero, pois o público, atento ao poeta, pouco se importa com o desmaio da irmã, nem mesmo o próprio *Princeps* que está ao lado, vidrado na declamação poética que não é interrompida; todavia, é marcante a vinculação entre *performance* e poesia nessa releitura do século XVIII.

<sup>11</sup> Ver VIRGIL. *Aeneid*, *op. cit.*, VIII. 608-728. Transl. Rushton Fairclough. 1916.

<sup>12</sup> Na versão latina do mito, Saturno foge das armas de Júpiter, encontrando acolhida no Lácio. Hércules, por imposição de Euristeu percorre o mundo conhecido na execução dos doze trabalhos; Evandro leva um grupo de árcades para a Itália e, ao nascer, Rômulo foi abandonado com o irmão Remo no Tibre por ordem do usurpador do trono de Alba Longa, Amúlio. Mary Beard chama a atenção para este aspecto das lendas fundacionais romanas: “por mais longe que você vá, os habitantes de Roma serão sempre de algum outro lugar” o que exprime, na opinião desta historiadora, o conceito etnicamente fluido da identidade romana. Ver BEARD, Mary. *SPQR: uma história da Roma antiga*. São Paulo: Planeta, 2017, p. 79.

<sup>13</sup> Ver PARATORE, Ettore. *História da literatura latina*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982, p. 312.

cial herdeiro de Augusto, que morreu aos 19 anos de idade, no início de sua carreira política.<sup>10</sup>

Neste artigo analisamos um trecho da epopeia no qual Eneias visita o sítio da futura Roma, sendo acolhido pelo grego Evandro, fundador de Palanteu, na mesma ocasião em que os árcades comemoram a passagem de Hércules pelo Lácio. Das margens do Tibre até o Palatino, o anfitrião conduz o hóspede troiano por espaços que eram familiares ao público da epopeia. Nesta descrição poética singular, a Roma de mármore augustana se sobrepõe à idílica *Palanteum* de Evandro, feita de casebres e choupanas. Uma vez que as temporalidades não estão obviamente recortadas no texto, delimitá-las parte de um esforço hermenêutico de desmontagem e intelecção do poema. A partir do procedimento histórico hermenêutico, problematizamos as escolhas do poeta na compilação de narrativas fundacionais que oferecem, por sua vez, uma etiologia para os monumentos e espaços da *urbs*. Algumas chaves de explicação para a descrição poética de Roma podem e devem ser buscadas fora da *Eneida* como nos autores contemporâneos ao poeta e nos comentários de Sêrvio. Dessa forma, cotejamos as referências de Virgílio sobre a toponímia da Roma fundacional com as descrições de Dionísio de Halicarnasso e Tito Lívio e também com os dados provenientes da arqueologia. O episódio em questão situa-se no Livro VIII da *Eneida*, na sequência das hostilidades movidas por Turno, rei dos rútuos, contra troianos e latinos. Em certa medida, o efeito de sobreposição temporal presente na descrição poética da *urbs* romana prepara o leitor/ouvinte para a éfrase do escudo caracterizada por uma disposição similar dos quadros históricos.<sup>11</sup>

Nos limites da futura Roma, Virgílio reúne três semideuses, Hércules, Evandro e Eneias, conhecidos por suas andanças pelo Mediterrâneo. Saturno e Rômulo são sistematicamente inseridos no relato de forma a elucidar alguns aspectos da cidade, como o mito da idade de ouro, o asilo e o Lupercal. Esta convenção de heróis, uma espécie de *crossover* épico, foi a solução criativa do poeta para lidar com o assunto melindroso das origens de Roma. Na *Eneida*, a passagem de cada um desses indivíduos caracteriza uma etapa da fundação e todos possuem em comum a dura sina do exílio.<sup>12</sup> Assim, dessa síntese temporal resulta um quadro multifacetado da formação de Roma composto de etnias e tradições variadas (grega, troiana e latina).

## Evandro e o Palatino

A segunda parte da *Eneida* corresponde ao que o classicista italiano Ettore Paratore denominou de *Iliádica* pela persistência do tema bélico nos últimos cinco livros.<sup>13</sup> O trecho analisado, no entanto, antecede a participação direta de Eneias nas guerras do Lácio. No Livro VIII, com o propósito de firmar com Evandro uma aliança, o líder troiano busca os domínios de Palanteu. Depois da manifestação de dois prodígios – o sonho com o deus do Tibre convidando-o a subir suas águas e o surgimento de uma porca branca com a cria da mesma cor – ele resolve seguir o curso do rio e encontra os árcades em preparativos solenes. O excerto pouco se assemelha a uma descrição geográfica no estilo dos relatos de viagem, uma vez que a construção poética de Virgílio comprime, no mesmo espaço narrativo, variações da mesma cidade. Desta maneira o poeta caracteriza o contato visual dos troianos com a cidade erguida no monte Palatino:

[*sol medium caeli conscenderat igneus orbem  
cum muros arcemque procul ac rara domorum  
tectata uident, quae nunc Romana potentia caelo  
aequauit, tum res inopes Euandrus habebat.  
ocius aduertunt proras urbiue propinquant.*]

[Do céu em meio dia o sol ardia, quando  
Ao longe uns muros, um castelo e raros  
Tetos de casas veem, que aos céus agora  
A Romana potência tem alçado,  
Pequeno reino então do pobre Evandro.  
Viram proas e ao povo se aproximam.]<sup>14</sup>

No latim, o termo usado para designar o assentamento árcade é *arx* ou “cidadela”, que no relato é apresentada com defesas e habitações esparramadas. O Palatino é um elo significativo de comunicação entre as temporalidades orquestradas no poema: a *arx* de Evandro antecipa a *Roma Quadrata* de Rômulo e a cidade de Augusto. Esta aproximação é reforçada quando, mais à frente no Livro VIII, o poeta refere-se a Evandro como “*conditor Romanae Arcis*”, ou seja, “fundador da cidadela romana”.<sup>15</sup> Com a hipérbole “*quae nunc Romana potentia caelo aequauit*”, “que agora a romana potência equiparou ao céu”, Virgílio realça o aspecto intimidador da colina em seu tempo, escolhida como residência pelo *Princeps* que ali lançou os fundamentos do Templo de Apolo. Assim, o contraste com os “*res inopes*” (“modestos domínios”) do rei árcade é acentuado no hexâmetro seguinte.

Na *Eneida* Evandro é apresentado como filho de Mercúrio e da profetisa Carmenta.<sup>16</sup> Já o nome de Palanteu deriva de seu ancestral Palante que, na Arcádia, havia fundado uma cidade com o mesmo nome.<sup>17</sup> Tal como os troianos de Eneias, os árcades de Evandro são exilados que, guiados por sinais divinos, seguem seu rei e líder até o Lácio, onde constroem uma nova cidade.<sup>18</sup> Semelhante à jornada troiana, os vaticínios maternos de Carmenta e os oráculos de Apolo são guias importantes no processo do exílio.<sup>19</sup> Virgílio pouco informa sobre o motivo da partida de Evandro, somente que dali foi banido contra a sua vontade. Dionísio de Halicarnasso, que se delonga um pouco mais sobre o assunto nas *Antiguidades romanas*, registra que a expedição não foi enviada com o consenso da população.<sup>20</sup> Claramente utiliza um vocabulário da história política para explicar o tema do exílio, pois informa sobre uma *stásis* (στάσις) que, em determinado momento, se instaurou na cidade dos árcades e que Evandro pertencia à facção perdedora.<sup>21</sup>

As referências sobre Evandro nas fontes pré-virgilianas são bastante esparsas, mas quase todas enfatizam o aspecto “civilizador” do herói e sua relação com Hércules. Sabemos através dos fragmentos conservados nas obras de Fábio Pictor e Lúcio Cincio Alimento,<sup>22</sup> historiadores romanos do século III a. C., que Evandro é mencionado como o introdutor da escrita alfabética no Lácio.<sup>23</sup> Outra breve alusão encontra-se nas *Origens*, quando Catão (século II a. C.) atribui a Evandro e aos árcades a difusão do dialeto eólico na Península Itálica.<sup>24</sup> Em um fragmento da obra de Cássio Hemina, outro analista do século II a. C., Evandro aparece como um governante no Lácio que acolhe em sua casa um certo Recarano, pastor de origem grega e força descomunal chamado Hércules.<sup>25</sup> No fragmento em questão, Hemina apresenta a genealogia da Ara Máxima em associação com a passagem de Hércules pela Itália.

<sup>14</sup> VIRGÍLIO. *Eneida, op. cit.*, VIII. 97-101. Trad. José Victorino Barreto Feio e José Maria da Costa e Silva. 2004.

<sup>15</sup> *Idem, ibidem*, VIII. 313.

<sup>16</sup> *Idem, ibidem*, VIII. 134-141.

<sup>17</sup> *Idem, ibidem*, VIII. 54.

<sup>18</sup> *Idem, ibidem*, VIII. 51-54.

<sup>19</sup> *Idem, ibidem*, VIII. 334 e 335.

<sup>20</sup> Cf. DIONÍSIO DE HALICARNASSO. *Antiguidades romanas*, I. 40,6. Para a obra de Dionísio de Halicarnasso utilizamos a seguinte tradução do latim para o inglês: DIONYSIUS OF HALICARNASSUS. *The Roman antiquities*. London: William Heinemann, 1960.

<sup>21</sup> *Idem, ibidem*, I. 40,6.

<sup>22</sup> São comumente considerados os mais antigos historiadores romanos e ambos redigiram seus *Anales* em grego; a obra de Fábio Pictor é escrita em meados do séc. III a. C., enquanto a de Lúcio Cincio Alimento foi possivelmente redigida no final deste mesmo século. Seus relatos foram utilizados como fonte de informação pelo historiador Tito Lívio na sua *História romana*.

<sup>23</sup> Ver FÁBIO PICTOR *Anais*, I fr. 27; CÍNCIO ALIMENTO, Lúcio. *Anais*, II. fr. 09. Temos como referência a seguinte edição: FABIUS PICTOR. *Annales*. CINCIUS ALIMENTUS, Lúcio. *Annales*. In: CORNELL, T.J. (g.e.), BISPHAM, E.H., RICH, J. W., SMITH, C. J. (eds.) *et. al.* *The fragments of the Roman historians*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

<sup>24</sup> Cf. CATÃO. *Origens*, fr. 03. Utilizamos a seguinte edição inglesa para os fragmentos das *Origens* de Catão: CATO. *Origines*. In: CORNELL, T. J. (g.e.), BISPHAM, E. H., RICH, J. W.; SMITH, C. J. (eds.) *et. al., op. cit.*

<sup>25</sup> Ver CÁSSIO HEMINA. *Anais*, fr. 05. Recomendamos a seguinte edição: EMINA. *I frammenti di L. Cassio Emina*. Pisa: Testi e Studi di Cultura Classica, 1995.

<sup>26</sup> Ver SMALL, Jocelyn Penny. *Cacus and Marsyas in Etrusco-Roman Legend*. Princetown: University Press, 1982, p. 8. Cf. VIRGIL. *Aeneid*, *op. cit.*, VIII. 343. Transl. H. Rushton Fairclough. 1916; DIONÍSIO DE HALICARNASSO, *op. cit.*, I. 32.

<sup>27</sup> Ver COARELLI, Filippo. *Roma. Guida archeologica*. Bari: Laterza, 2008, p. 162.

<sup>28</sup> Ver GRANDAZZI, Alexandre. *As origens de Roma*. São Paulo: Ed. Unesp, 2010, p. 86.

<sup>29</sup> Ver CLARIDGE, Amanda. *Rome: an Oxford archaeological guide*. Oxford: University Press, 2010, p. 131.

Em diálogo com a tradição literária, Virgílio reforça o papel de Evanдро como governante virtuoso e o contributo intelectual da herança grega na formação de Roma. De acordo com a pesquisadora Jocelyn Penny Small, no livro *Cacus and Marsyas in Etrusco-Roman Legend*, dois fatores influenciaram essa proximidade entre a Arcádia e Roma: primeiro, o estabelecimento de colônias árcades na *Magna Graecia* contribuiu para generalizar a imagem dos gregos como fundadores por excelência da Itália. Depois, à medida que os romanos aprofundaram seu conhecimento da geografia e da produção literária grega, foram incentivados a criar paralelismos com os topônimos (como Palatino e *Palanteum*) e elementos religiosos (como Lupercália e Pã Likayeos).<sup>26</sup>

A ênfase dada ao Palatino nas construções poéticas augustanas e narrativas historiográficas transformou esta colina em um dos locais mais investigados pela arqueologia. De um modo geral, as pesquisas do último século indicaram que o local abriga alguns dos vestígios mais antigos de ocupação da cidade. Uma escavação realizada em 1948 nas imediações do Templo da Vitória trouxe à luz os alicerces de um grupo de cabanas da Idade do Ferro.<sup>27</sup> Datadas do século IX a. C., estas habitações pertencem a um período proto urbano na estratigrafia romana, o que corresponde à fase IIB, na periodização lacial.<sup>28</sup> Na segunda metade do século VII estas cabanas foram destruídas e substituídas por estruturas mais sólidas de pedra.<sup>29</sup>

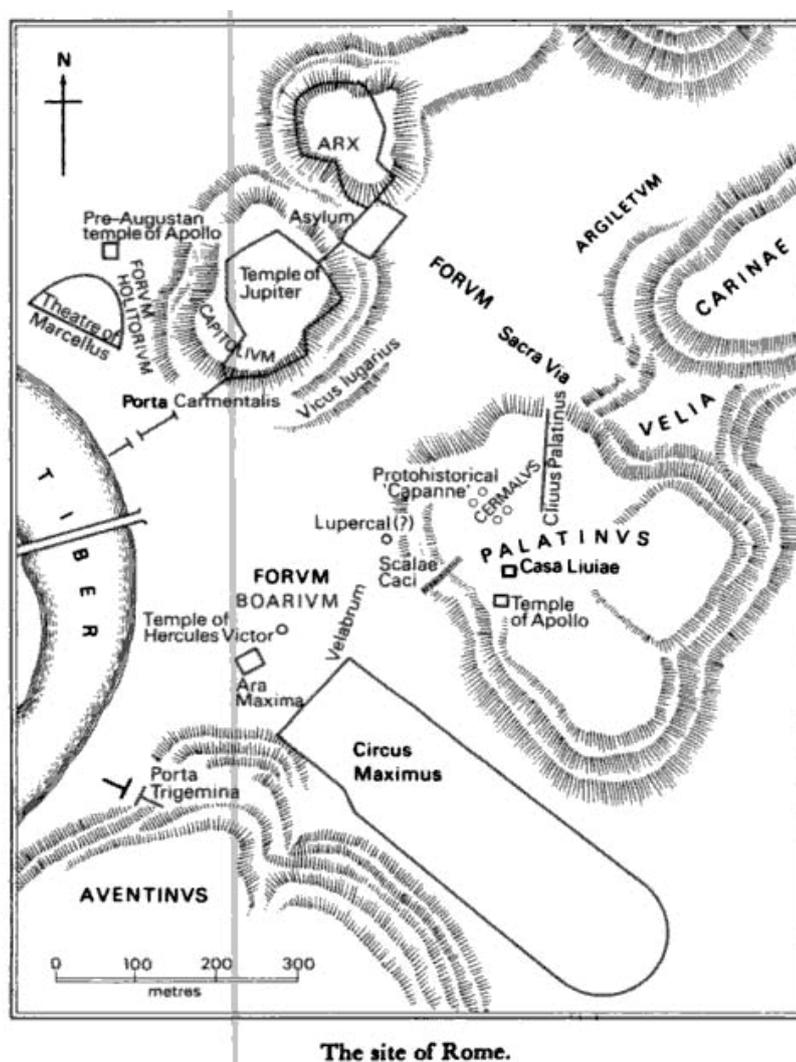


Figura 1. Mapa de Roma com os locais mencionados por Virgílio no Livro VIII da Eneida. In: GRANDDEN, K.W (ed). *Virgil. Aeneid, book VIII*. 2003 (fotografia).

As escavações no Palatino ainda revelaram alguns espaços de sepultamento como a tumba da primeira fase lacial (século X a. C.), encontrada nas imediações da Casa de Lúvia e outras duas do século VII a. C., nos estratos mais profundos da *Domus Flavia*.<sup>30</sup> Segundo o arqueólogo italiano Filipo Coarelli, a presença central de uma necrópole na colina leva a crer que os vilarejos deste período eram entidades autônomas, não definitivamente integradas em um organismo político mais amplo.<sup>31</sup>

Durante o período republicano, a colina foi disputada pelas famílias aristocráticas que ergueram suntuosos palacetes no local. O Palatino hospedou templos importantes como o de *Magna Mater* (epíteto de Cibele) e da deusa Vitória construídos respectivamente nos séculos IV e III a. C. dos quais ainda restam alguns vestígios do *podium*. Nas *Antiguidades romanas*, Dionísio de Halicarnasso registra sobre uma pretensa “casa de Rômulo” que ficava nas imediações e era restaurada pelos sacerdotes todas as vezes que alguma intempérie a danificava.<sup>32</sup> Buscando “avizinhar-se” do fundador, Otávio fixou ali sua residência e, nas adjacências, edificou o Templo de Apolo. Augusto deu origem a uma prática, mantida pelos *Príncipes* subsequentes, que transformaram a parte oriental do Palatino (voltada para o *Circus Maximus*) em um grande e confuso complexo palaciano.

Nenhum vestígio concreto confirmou a existência de uma colônia grega do período arcaico no local, tampouco das defesas construídas por Rômulo. Um arco cronológico de no mínimo seis séculos separa os vestígios das habitações da Idade do Ferro e os primórdios da literatura latina. Na opinião da historiadora inglesa Mary Beard, as tentativas de manipular as datações e associar diretamente os vestígios materiais dos períodos mais recuados com as lendas tem dado espaço a toda sorte de fantasia arqueológica.<sup>33</sup> Por outro lado, é provável que a memória da ocupação sucessiva do Palatino tenha inspirado as narrativas fundacionais que associaram a gênese da cidade com esta colina.

### Hércules e a *Ara Maxima*

Na descrição poética de Virgílio, o local em que Eneias desembarca corresponde à localidade que os romanos conheciam como *Forum Boarium*. Evandro acolhe o troiano com hospitalidade e explica a origem do sacrifício em honra de Hércules e a vitória que este herói alcançou subjugando Caco, filho de Vulcano. O sacrifício performado é apresentado como tributo anual em razão de um terrível perigo (“*saevis periclis*”) do qual os árcades foram libertados.<sup>34</sup> Já Tito Lívio e Dionísio de Halicarnasso apresentam Caco como um pastor de força descomunal, ou mesmo um engenhoso ladrão de gado.<sup>35</sup> Em contraste, o Caco Virgiliano é caracterizado como *semihomo*, meio humano, ou *monstrum* que expele pela garganta labaredas de fogo e que ostenta cabeças humanas na porta do seu covil localizado no Aventino.<sup>36</sup> Mais de setenta hexâmetros são dedicados a esta “Cacomaquia”, talvez, a mais rebuscada que nos chegou dos autores da Antiguidade. Esta incursão contra o filho de Vulcano aparece como um adendo local à narrativa do regresso de Hércules à Grécia, conduzindo o rebanho de Gerião. Segundo Pierre Grimal, é no retorno do herói que se situa a maioria das aventuras no Ocidente mediterrâneo.<sup>37</sup> Este percurso estava assinalado com santuários e não era incomum que indivíduos das aristocracias locais reivindicassem algum tipo de parentesco ou vinculação com o herói.<sup>38</sup>

<sup>30</sup> Ver CASSATELLA, A; VENDITTELLI, L. *Roma arcaica: documenti e materiali per una pianta di Roma (fine del VII-inizi del V secolo a.C)*. Roma: Quasar, 1991, p. 16 e COARELLI, Fillipo, *op. cit.*, p. 162.

<sup>31</sup> Cf. COARELLI, Fillipo, *op. cit.*, p. 162.

<sup>32</sup> Cf. DIONÍSIO DE HALICARNASSO, *op. cit.*, I. 79.11

<sup>33</sup> Cf. BEARD, Mary, *op. cit.*

<sup>34</sup> Ver VIRGIL. *Aeneid*, *op. cit.*, VIII. 188. Transl. H. Rushton Fairclough. 1916.

<sup>35</sup> Cf. TITO LÍVIO. *História romana*, I. 07. DIONÍSIO DE HALICARNASSO, *op. cit.*, I. 39. Sobre as representações de Caco na literatura latina, de divindade etrusca à criatura bestial, conferir o trabalho de SMALL, Jocelyn Penny, *op. cit.*

<sup>36</sup> Ver VIRGIL. *Aeneid*, *op. cit.*, VIII. 190-200. Transl. H. Rushton Fairclough. 1916.

<sup>37</sup> Cf. GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014, p. 211.

<sup>38</sup> Ver GONÇALVES, Ana Teresa Marques e MOTA, Thiago Eustáquio Araújo. De Iúlio aos Iúlii: as gentes romanas e itálicas em busca do passado heroico. *PHOENIX*, v. 22, n. 1, 2016.

<sup>39</sup> Cf. TITO LÍVIO. *História romana*, I. 20. Para a obra de Lívio recomendamos a seguinte edição bilingue (latim-inglês): TITUS LIVIUS. *History of Rome*. London: Everyman's Library Classical, 1905. Ver também OVID. *Fasti*, III. 259-392. Harvard: University Press, 1989.

<sup>40</sup> Ver VIRGÍLIO. *Eneide, op. cit.*, VIII. 663-665. Trad. Vittorio Sermonetti. 2007.

<sup>41</sup> Ver SÉRVIO. *Comentário a Eneida*, VIII, 285. Neste artigo trabalhamos com a edição: SERVIUS HONORATUS, MAURUS. *Servii Grammatici qui feruntur in Vergilii carmina commentarii*. Georgius Thilo and Hermannus Hagen (eds.). Leipzig: Teubner, 1881.

<sup>42</sup> Cf. GRANSDEN, K. W. (ed.). *Virgil. Aeneid, book VIII*. Cambridge: University Press, 2003, p. 119 e 120. Cf. também as *Res Gestae*, X. 01.

<sup>43</sup> Ver VIRGÍLIO. *Eneide, op. cit.*, VIII. 286. Trad. Vittorio Sermonetti. 2007.

<sup>44</sup> *Idem, ibidem*, VIII. 287-305.

<sup>45</sup> Ver SÉRVIO. *Comentário a Écloga, op. cit.*, VII. 61.

<sup>46</sup> *Idem, ibidem*, VII. 61.

<sup>47</sup> *Idem, ibidem*, VIII. 287-305.

<sup>48</sup> A respeito das várias facetas do Hércules virgiliano, vale a pena conferir o artigo de Kristine Gilmartin publicado no periódico *Vergilius* da Sociedade Virgiliana e para os pontos de convergência entre Enéias e o herói grego, conferir o verbete de Karl Galinsky, 'Ercole' na Enciclopédia Virgiliana. Ver GILMARTIN, Kristine. Hercules in the Aeneid Vergilius (1959-). *Vergilius*, n. 14, 1968 e GALINSKY, Karl. Ercole. In: *Enciclopédia Virgiliana*. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, 1984-1991, p. 361-363.

<sup>49</sup> VIRGÍLIO. *Eneida, op. cit.*, VIII. 185-189. Trad. José Victorino Barreto Feio e José Maria da Costa e Silva. 2004.

Na ocasião da chegada do troiano a Palanteu, no início do Livro VIII, os Sálios estão envolvidos com as festividades da Ara Máxima e com o rito de Hércules. Virgílio retroprojeta o colégio dos Sálios na idade heroica em estreita associação com o culto do herói. Por outro lado, a tradição mais difundida, registrada por Tito Lívio e Ovídio, atribui a formação do colégio dos Sálios ao rei Numa Pompílio, em honra do deus Marte.<sup>39</sup> A dança ritual dos Sálios comemorava a dádiva denominada *ancile*, um escudo em forma de oito que os romanos acreditavam ter caído dos céus. Reza a tradição que o rei Numa encomendou onze cópias deste escudo ao ter ouvido a profecia de que Roma seria senhora do mundo enquanto a égide estivesse em seu domínio. O colégio era composto por doze jovens patrícios que trajavam-se como guerreiros arcaicos com um elmo bem peculiar. Em uma das cenas do escudo de Eneias, o poeta refere-se ao episódio da égide custodiada pelos sacerdotes dançantes.<sup>40</sup> A respeito da presença destes sacerdotes em Palanteu, o escoliasta Sérvio, no *Comentário a Eneida*, argumenta que o colégio dos Sálios existia nas cidades de Túsculo, Veios e Tívoli (que na Antiguidade hospedava um importante santuário de Hércules) bem antes de ter sido instituído na cidade de Roma.<sup>41</sup> Segundo a edição crítica do Livro VIII organizada por K. W. Gransden, trata-se possivelmente de uma alusão velada a Augusto, pois o nome do *Princeps* foi inserido, por decreto senatorial, nos *carmina saliaria* para celebrar sua vitória contra Marco Antônio e Cleópatra na Batalha do Ácio.<sup>42</sup>

Na descrição virgiliana do banquete oferecido por Evandro os sacerdotes ostentam coroas de álamo<sup>43</sup> na frente e rememoram os principais trabalhos do herói até o seu processo de apoteose.<sup>44</sup> Em uma versão do mito registrada por Sérvio, no *Comentário às Éclogas*, o álamo branco é um símbolo do triunfo sobre a morte, identificado com a ninfa Leuce, a Branca, raptada por Pluto e depois imortalizada na forma do choupo.<sup>45</sup> Hércules, em seu retorno do mundo dos mortos, coroou a si mesmo com as folhas do álamo branco.<sup>46</sup> Entre os trabalhos do herói, filho de Júpiter, os Sálios recordam a tomada de Ecália, a derrota dos centauros Hileu e Folo, a captura do leão de Neméia, o touro de Creta, a descida ao Orco, a vitória sobre o gigante Tifeu e a Hidra de Lerna.<sup>47</sup> Cabe observar que o tema destes cantos saliares, apresentados na *Eneida* como os "*duri labores*" e a perseguição sofrida em razão dos "*fatis Iunonis iniquae*" acabam sublinhando a analogia entre Hércules e a empresa heroica de Eneias, tema central da epopeia virgiliana.<sup>48</sup> Por meio de Evandro, o poeta narra a gênese do principal monumento de Hércules em Roma:

[*ex illo celebratus honos laetique minores  
seruauere diem, primusque Potitius autor  
et domus Herculei custos Pinaria sacri  
hanc aram luco statuit, quae axima semper  
dicitur nobis et erit quae axima semper.*]

[*Desde então esta festa celebramos;  
E o dia nossos filhos têm guardado  
Alegres. Foi Potício o autor primeiro,  
E a família Pinária, encarregada  
De celebrar o Hércúleo sacrifício,  
Neste sagrado bosque ergueu esta ara,  
Que nós máxima sempre chamaremos  
E máxima será em todo o tempo.*]<sup>49</sup>

Nesta passagem Virgílio remete à memória de duas *gentes* romanas, *Pinaria* e *Potitia*, que, segundo a tradição historiográfica, exerceram por longo tempo uma espécie de monopólio religioso sobre o culto de Hércules, considerado um *ritus graecus*. Evandro refere-se a Potício, lendário fundador da *gens Potitia*, como *auctor* e a *domus Pinaria* é apresentada como *custos*, ou seja, guardião do sacro rito hercúleo. Dessa forma, o poeta registra a genealogia de um rito inicialmente gentílico incorporado às festividades cívicas. Segundo Tito Lívio, na *História romana*, coube a Ápio Cláudio, quando foi eleito Censor em 312 a. C., a iniciativa de convencer os *Pinarii* e *Potitii* a instruir escravos públicos para cuidarem da manutenção do rito.<sup>50</sup> Os primeiros se recusaram peremptoriamente, mas ressaltam que os *Potitii* aceitaram a tarefa mediante a recompensa de cinquenta mil asses. Esta passagem de Lívio sinaliza um processo comum às cidades no mundo clássico no que tange à consolidação das instituições cívicas e da organização da religião pública em detrimento das prerrogativas gentílicas.

Em razão da ambiguidade deste trecho na *Eneida* existe, desde a Antiguidade, um debate sobre o construtor do altar. No hexametro duzentos e setenta e um falta o sujeito do verbo *statuo* que aparece na terceira pessoa do presente do indicativo ativo. O comentador Sêrvio sugere que foi o próprio Hércules a erigir o altar: *sibi Hercules...statuit*.<sup>51</sup> De acordo com Ferdinando Castagnoli, autor do verbete *Ara Massima* para a *Enciclopedia Virgiliana*, o sujeito de *statuit* pode muito bem ser Potício, mas é provável que a publicação da *Eneida* tenha originado uma tradição interpretativa, seguida no meio poético por Ovídio, que estabelece Hércules como construtor da própria Ara.<sup>52</sup> Todavia, esta visão não é preponderante entre os autores do período, visto que Dionísio de Halicarnasso, Estrabão e Tácito atribuem a Evandro a construção da Ara Máxima, o que faz muito mais sentido no contexto da organização do culto ao herói divinizado.

Não é novidade alguma afirmar que o mito e, por conseguinte, o culto de Hércules foram amplamente difundidos no Mediterrâneo. Segundo Emma Stafford no livro *Herakles*, da série “Gods and heroes of the ancient world”, o tema extensivo dos doze trabalhos transformou este herói em um tipo ideal para os gregos que empreendiam longas viagens para fundar suas colônias no ultramar.<sup>53</sup> Hércules e sua prole ganharam espaço nas lendas de fundação de algumas *apoikias*. Por meio do nome, várias destas cidades assinalaram a vinculação com o semideus, como é o caso das Heracléias. Pouco mais de vinte cidades com esta denominação são contabilizadas em um verbete do lexicógrafo Estevão de Bizâncio do século VI d. C.<sup>54</sup> No que diz respeito ao Lácio e à Península Itálica o cenário não é diferente. Dionísio de Halicarnasso, nas *Antiguidades romanas*, informa o seguinte: “em muitas localidades, além de Roma, encontravam-se santuários e altares erigidos a Hércules, nas cidades vizinhas e nas estradas; era difícil encontrar um local na Itália onde o deus não fosse venerado”.<sup>55</sup> A menos de quarenta quilômetros de Roma localizava-se o estupendo santuário de Hércules Victor em Tívoli datado do Século II a.C, uma estrutura que englobava templo, teatro e armazéns.

A figura de Hércules divinizado encontra registro na documentação arqueológica desde a Roma Arcaica. Em uma campanha de escavação de 1937, conduzida nas proximidades da Igreja de Santo Omobono, foram resgatados vários fragmentos decorativos em terracota pertencentes a uma estrutura religiosa que remonta ao século VI a. C.<sup>56</sup> Com base na tradição historiográfica esta foi identificada com o templo de Fortuna ou *Mater*

<sup>50</sup> Cf. TITO LÍVIO, *op. cit.*, IX. 29.

<sup>51</sup> SÉRVIO. *Comentário a Eneida*, *op. cit.*, VIII. 271.

<sup>52</sup> Ver CASTAGNOLI, Ferdinando. Ara Massima. In: *Enciclopedia Virgiliana*, *op. cit.*, p. 257.

<sup>53</sup> Cf. STAFFORD, Emma. *Herakles*. New York: Routledge, 2012, p. 156.

<sup>54</sup> Ver ESTEVÃO DE BIZÂNCIO. *Ethnika* 303–4 *apud* STAFFORD, Emma, *op. cit.*, p. 156

<sup>55</sup> DIONÍSIO DE HALICARNASSO, *op. cit.*, I. 40,6.

<sup>56</sup> Segundo o Guia Arqueológico de Coarelli, entre finais do século VII e início do VI, (Fase II) é atestada a presença de culto com uma ara, mas sem edifício de culto. Os elementos escultóricos de terracota estão associados à decoração do templo arcaico refeito depois de um incêndio (Fase IV) e datados de 530 a.C. A estrutura arcaica foi destruída no final do Século VI a.C e começo do Século V a.C (período que coincide com a expulsão dos Tarquínios e o início da República) e substituída pelos templos gêmeos de Fortuna e Mater Matuta, em uma nova estrutura em tufo local (*capellacio*) e com uma orientação diferente (norte-sul) do templo arcaico. Ver COARELLI, Filippo, *op. cit.*, p. 408 e 409.

<sup>57</sup> De acordo com a *História romana* de Tito Lívio, Sérvio Túlio dedicou o Templo de Fortuna, para honrar sua divindade tutelar e também aquele de Mater Matuta (TITO LÍVIO, *op. cit.*, V.19; X. 46). No imaginário religioso romano, Mater Matuta é identificada com a aurora, mas também com a protetora dos partos e dos navegantes (GRIMAL, Pierre, *op. cit.*, p. 211-292). Etimologicamente, o adjetivo matutino está associado a esta potestade que era objeto de culto em Roma. Segundo Christopher Smith, Mater Matuta compartilha aspectos importantes com outras divindades femininas, especialmente Fortuna, o que está sugerido pelo emparelhamento dos templos das duas divindades em Roma (SMITH, Christopher. *Worshipping Mater Matuta: ritual and context*. In: BISPHAM, Edward and SMITH, Christopher (orgs.). *Religion in Archaic and Republican Rome and Italy*. Edinburgh: University Press, 2000, p. 136). Para este pesquisador britânico a associação religiosa requer uma explicação mais profunda, mas impõe-se aqui a ideia de sentido agregado comum nas trocas culturais e religiosas da Antiguidade.

<sup>58</sup> Ver TORELLI, Mario. *Gli acroteri di S. Omobono e l'apoteosi trionfale in Roma Arcaica*. In: ABBONDANZA, Letizia; COARELLI, Filippo. *Apoteosi da Uomini a Dei: Il Mausoleo di Adriano*. Roma, Museo Nazionale di Castel Sant'Angelo. Roma: Munus, 2014.

<sup>59</sup> SÉRVIO. *Comentário a Eneida*, *op. cit.*, VIII. 271.

<sup>60</sup> Ver CLARIDGE, Amanda. *Rome: an Oxford archaeological guide*. Oxford: University Press, 2010. O mais famoso destes o templo circular próximo ao Templo de Portuno é identificado com o de *Hercules Victor* (dito *Olivarius*) que, segundo o comentador Sérvio, estava situado do lado de fora da Porta Trigemina.

*Matuta*.<sup>57</sup> Entre os elementos decorativos, atualmente conservados nos Museus Capitolinos, chama a atenção o torso imponente de uma estátua de Hércules, feita de terracota, ao lado da efígie de Minerva. Apesar de fragmentada, esta composição escultórica representa, muito possivelmente, o tema da introdução do herói, filho de Zeus, no Olimpo.<sup>58</sup>

Sobre a localização do Grande Altar de Hercules, Sérvio, o célebre comentador da *Eneida* assinala: *maxima ingens enim est ara Herculis, sicut videmus hodieque post ianuas circi maximi*. (“o altar de Hércules é [dito] Máximo devido ao seu tamanho formidável assim como o vemos hoje atrás dos portões do Circo Máximo”).<sup>59</sup> Já o escoliasta das *Schedae Veronenses Rescriptae* registra apenas que a ara ficava *iuxta circum*. No relato virgiliano o monumento fica *ante urbem*, isto é, fora dos limites espaciais da cidade de Evandro e, por sua vez, dentro de um bosque (“*lucus*”). Deste edifício que ainda era visível na época de Sérvio, não resta qualquer vestígio aparente na superfície urbana atual. Por meio de uma criteriosa pesquisa de prospecção realizada no *Forum Boarium*, o arqueólogo italiano Filippo Coarelli identificou a base de tufo calcário (dito de Aniene), visível na cripta da igreja de Santa Maria de Cosmedin, como uma provável seção do gigantesco altar, contudo, o caráter fragmentado da evidência e a própria impossibilidade de escavar a área desmotivam qualquer afirmação contundente. A localização precisa ou até mesmo a envergadura do altar persistem como uma incógnita para a arqueologia romana. Apesar da fama adquirida, a Ara Máxima não era o único edifício religioso devotado a Hércules no local. Segundo os testemunhos literários, entre o Circo Máximo e o rio Tibre, havia aproximadamente três templos distintos e outras edículas consagradas ao herói semideus.<sup>60</sup> Dessa forma é significativa a construção virgiliana do encontro entre Eneias e Evandro neste local que, do ponto de vista da geografia religiosa da *urbs*, conserva uma memória recuada do culto de Hércules. Partindo da topografia religiosa e dos espaços associados a Roma fundacional, Virgílio constrói a narrativa do percurso dos heróis até Palanteu.

## Um passeio pelo sítio da futura Roma

Ao fim do cerimonial, ainda no Livro VIII, Evandro conduz Enéias pelos locais destinados a abrigar a *urbs* do futuro. Os versos de Virgílio efetuam um elogio à grandiosidade do presente e uma exaltação à *pauperitas* (frugalidade) dos tempos idos de Roma. A circunstância do traslado e o do diálogo entre os heróis oferece ao poeta o ensejo para abordar o tema da Idade de Ouro e apresentar, de modo sintético, as gerações que precederam a chegada dos árcades na Itália. Indagado por Enéias sobre os costumes dos primeiros habitantes, Evandro descreve a fuga de Saturno para o Lácio, repellido pelas armas de Júpiter. Diga-se de passagem, uma versão bem distinta do mito de Zeus e Cronos registrado pela *Teogonia* de Hesíodo.<sup>61</sup> No Lácio o Titã cumpre uma missão civilizadora que corresponde a um período de paz e abundância, a *aurea aetas*, retratada à exaustão pela poesia e iconografia agustanas.

Evandro relata que, antes do advento de Saturno, o local era povoado por faunos, ninfas e a “geração de homens que nasceu dos troncos das árvores e do duro carvalho” (“*gensque uirum truncis et duro robore nata*”).<sup>62</sup> Trata-se, provavelmente, da adequação da sentença homérica sobre os primeiros homens registrada em um trecho da *Odisseia* no qual Penélope

solicita ao marido, disfarçado de mendigo, para anunciar sua estirpe ou dizer se, do contrário, havia nascido do carvalho e da rocha.<sup>63</sup> Dessa forma, Virgílio tipifica os primeiros habitantes do Lácio:

[*quis neque mos neque cultus erat, nec iungere tauros  
aut componere opes norant aut parcere parto,  
sed rami atque asper uictu uenatus alebat.*]

[*Nem costume, nem polícia tinham,  
Nem aos touros o jugo impor sabiam  
Nem fazer provisão de vitualhas,  
Nem poupar o adquirido: áspera caça,  
Frutos agrestes plantas os nutriam.*]<sup>64</sup>

Na caracterização virgiliana dos primórdios, estes homens desconheciam os rudimentos da agricultura, pois não sabiam jungir touros (“*iungere tauros*”), edificar provisões (“*componere opes*”) e poupar o obtido (“*parcere parto*”). De acordo com a edição crítica de K. W. Gransden, os verbos *iugo*, *compono* e *parco*, pertencem claramente ao vocabulário agrícola, mas podem ser igualmente interpretados no sentido político tendo em vista a ação civilizadora de Saturno ao Lácio.<sup>65</sup> Em outro contexto na *Eneida*, Virgílio emprega o verbo *parco* para exprimir a ideia de clemência, como no Livro VI no qual Anquises define como missão dos romanos: *parcere subiectis et debellare superbos* (“debelar os soberbos e poupar aos vencidos”).<sup>66</sup> O verbo *compono* é empregado, um pouco adiante, para traduzir a ação de Saturno em agregar as populações dispersas pelos montes. Empenhado em instruir os povos indômitos, o Titã deu a eles leis e os regeu em plácida harmonia. Em memória de haver encontrado nessas paragens um asilo seguro, o deus as teria batizado de Lácio, do latim *latero*, “estar escondido”.<sup>67</sup>

As menções a Saturno no Livro VIII convocam a expectativa sobre a celebração dos Jogos Seculares e um retorno a esta *aurea aetas* anunciada pela simbologia do Principado de Augusto. Há muito que os romanos sentiam necessidade de celebrar esta passagem, mas as condições criadas pelas guerras civis protelaram esse acontecimento. Este episódio solenizava a renovação cósmica, as velhas máculas eram extirpadas e se inaugurava um novo *saeculum*, inteiramente reciclado. Das celebrações oficiais, os ansiados Jogos Seculares só foram realizados entre os dias 30 de maio e 03 de junho do ano 17 a. C., ou seja, dois anos depois da morte de Virgílio.

O intervalo entre o fim da idade de Saturno e a chegada de Evandro no Lácio é marcado pelo tema da degeneração em uma lógica similar ao mito das cinco idades retratado no *Trabalho e os dias*, de Hesíodo. A *aurea aetas* paulatinamente decai para uma *decolor aetas* que pode ser traduzido por “idade sem viço”, “descorada” mas também “túrpida” ou “imoral”.<sup>68</sup> O período subsequente é abalado por guerras e também por migrações de tribos sículas e ausônias que modificaram a toponímia do Lácio. A este propósito Evandro alude à etimologia do rio Álbula que foi alterado para Tibre em razão de um antigo governante do Lácio.<sup>69</sup> Segundo uma tradição registrada por Tito Lívio na *História romana*, este antigo rei pereceu nas águas do Álbula que foi então rebatizado para rio Tibre.<sup>70</sup>

Evandro finaliza a gesta das idades primordiais do Lácio com a chegada dos árcades na Itália. No percurso até a cidade de Palanteu, o poeta descreve locais bem familiares aos romanos como o altar e a Porta

<sup>61</sup> Na versão registrada pela *Teogonia* de Hesíodo (séc. VIII) Cronos, ou *Króvoç*, por medo de ser destronado engolia todos os filhos que nasciam de sua união com Reia. Porém, foi ludibriado pela esposa que conseguiu subtrair o filho Zeus da fúria paterna e criá-lo em segurança no monte Ida, em Creta. Quando cresceu, Zeus resolveu vingar-se do pai, libertando seus irmãos e com o apoio destes subjugou a geração dos Titãs. Zeus tornou-se *hegemon* aprisionando o pai e alguns dos outros Titãs no Tártaro. Esta última informação é encontrada também na *Iliada*, HOMERO. *Iliada*, VIII. 479. Ver HOMERO. *Iliada*. São Paulo: Arx, 2002.

<sup>62</sup> VIRGILIO. *Eneide*, op. cit., VIII. 315-317. Trad. Vittorio Sermonetti. 2007.

<sup>63</sup> HOMERO. *Odisseia*, IXX. 163. Ver HOMERO. *Odisseia*. São Paulo: Editora 34, 2011

<sup>64</sup> VIRGÍLIO. *Eneida*, op. cit., VIII. 319-321. Trad. José Victorino Barreto Feio e José Maria da Costa e Silva. 2004.

<sup>65</sup> Cf. GRANSDEN, K.W (ed.), op. cit., p.125. Ver *Oxford Latin Dictionary*. Oxford: University Press, 1968, p. 379; 1294 e 1295.

<sup>66</sup> VIRGILIO. *Eneide*, op. cit., VI. 853. Trad. Vittorio Sermonetti. 2007.

<sup>67</sup> VIRGIL. *Aeneid*, op. cit., VIII. 320-330. Transl. H. Rushton Fairclough. 1916.

<sup>68</sup> *Oxford Latin Dictionary*, op. cit., p. 492.

<sup>69</sup> Ver VIRGIL. *Aeneid*, op. cit., VIII. 328-332. Transl. H. Rushton Fairclough. 1916.

<sup>70</sup> Cf. TITO LÍVIO, op. cit., I. 3,8.

<sup>71</sup> Ver VIRGIL. *Aeneid, op. cit.*, VIII. 337-338. Transl. H. Rushton Fairclough. 1916.

<sup>72</sup> VIRGÍLIO. *Eneida, op. cit.*, VIII. 337-341. Trad. José Victorino Barreto Feio e José Maria da Costa e Silva. 2004.

<sup>73</sup> VIRGIL. *Aeneid, op. cit.*, VI. 259. Transl. H. Rushton Fairclough. 1916.

<sup>74</sup> Cf. *Oxford Latin Dictionary, op. cit.*, p. 2015.

<sup>75</sup> *Idem, ibidem*, p. 278.

<sup>76</sup> Patronímico aplicado aos descendentes de Eneias: Ascânio-Iulo, Rômulo e o próprio Augusto.

<sup>77</sup> DIONÍSIO DE HALICARNASSO, *op. cit.*, I. 31, 1-4.

<sup>78</sup> *Idem, ibidem*, I. 32, 1-4.

<sup>79</sup> OVID. *Fasti, op. cit.*, I. 631-636.

<sup>80</sup> Ver RICHARDSON, L. A *new topographical dictionary of ancient Rome*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1992, p. 301.

Carmental – *aram et Carmentale Portam* – que estavam situados a Oeste do Capitolino. Recebem este nome em razão da ninfa Carmenta, mãe de Evandro e também conhecida pela habilidade profética.<sup>71</sup> O poeta que, por vezes, sobrepõe seu olhar ao do rei e anfitrião, tenta revelar o aspecto sagrado de alguns destes locais e fornecer ao interlocutor a sensação de continuidade entre a cidade primeva e a metrópole de Augusto, ambas guarnecidas pela égide divina.

[*Vix ea dicta, dehinc progressus monstrat et aram  
et Carmentalem Romani nomine portam  
quam memorant, nymphae priscum Carmentis honorem,  
uatis fatidicae, cecinit quae prima futuros  
Aeneadas magnos et nobile Pallanteum.*]

Mais não disse; e avançando o altar lhe mostra  
E a porta Carmental, nome Romano,  
Que dizem lhe puseram os antigos  
Em honra dessa Ninfa e profetisa  
Carmenta, por ser ela quem primeiro  
Predisse que os Enéades viriam  
A ser grandes, e nobre o Palatino.<sup>72</sup>

No trecho acima Virgílio refere-se à Carmenta como *nympha* e também como *uates*, aqui traduzido por profetisa. Este mesmo termo é utilizado em relação à Sibila de Cumas no Livro VI da *Eneida*.<sup>73</sup> Segundo o dicionário Oxford de Latim, a palavra *uates* aplicava-se àquele, ou àquela, que predizia o futuro e transmitia seus vaticínios na forma de versos e, por assimilação, passou a designar os poetas em geral.<sup>74</sup> Da mesma forma, o campo semântico de *carmen* é bem amplo e comporta a ideia de “hino religioso”, “oráculo” ou “profecia” que, por seguir um padrão métrico, passou a designar “poema” de um modo geral.<sup>75</sup> Vale notar que o verbo utilizado acima para exprimir o futuro dos Enéadas<sup>76</sup> é *cano* na terceira pessoa do singular do perfeito ativo. A respeito da etimologia do nome Carmenta, Dionísio de Halicarnasso alega que os primeiros autores da história romana a denominaram assim em razão de seus cantos divinatórios, *carmina*, mas que, entre os árcades, era conhecida como *Thespiôdos*, “cantora profética” ou simplesmente *Themis*.<sup>77</sup>

Em Roma, o culto de Carmenta era presidido pelo *Flamen Carmentalis* e, em sua honra, se festejavam as festas carmentais entre os dias onze e quinze de janeiro. O historiador de Halicarnasso refere-se à existência de dois altares: um dedicado a Carmenta, no local referido, e outro a Evandro, localizado no Aventino.<sup>78</sup> Anualmente sacrifícios públicos eram ofertados nestes altares à semelhança dos outros heróis e divindades menores. O aspecto oracular se manifesta nos epítetos que acompanhavam a deusa: *Porrima*, “aquela que canta o que se passou”, e *Posverta*, “aquela que canta o futuro”.<sup>79</sup> Estes, com o tempo, passaram a indicar divindades autônomas associadas a Carmenta.

Um referente topográfico da Roma virgiliana, a *Porta Carmentalis*, era associada a um duplo portal da Muralha Severiana no qual desembocava o *Vicus Iugarius*.<sup>80</sup> No período republicano, o arco localizado à direita de quem deixava a cidade recebeu o nome de *Porta Scelerata*, “Porta maldita”, pois foi por meio dele que os *Fabii* marcharam rumo à desastrosa campanha contra

os etruscos de Veios (479/478 a. C.). Ovídio, nos *Fasti*, informa que era de mau augúrio abandonar a cidade por este portão, o que levava o indivíduo a usar o da esquerda. O nome *scelerata* pode ser também decorrente de outro fator: de acordo com o *New Topographical Dictionary of Ancient Rome*, este portão era possivelmente usado pelos cortejos fúnebres que escoltavam os corpos em direção ao Campo de Marte para serem incinerados.<sup>81</sup> Por sua vez, o arco adjacente da *Scelerata* era denominado *Porta Triumphalis* pelo qual a procissão do Triunfo, quando autorizada pelo Senado, ingressava na cidade rumo ao Templo de Júpiter Capitolino. A localização precisa deste duplo portal permanece desconhecida, visto que as campanhas de escavação ocorridas no século XX não revelaram qualquer traço da *Porta Camentalis* ou do santuário dedicado a Carmenta.<sup>82</sup>

A descrição da trajetória de Eneias no Livro VIII apoia-se em referentes conhecidos da geografia religiosa romana para a qual a *Eneida* oferece uma etiologia heroica/histórica. O passeio prossegue e o árcaide aponta para a rocha do Lupercal e o bosque (“*lucum*”) sobre o qual Rômulo edificará seu asilo – *Romulus Asylum*.<sup>83</sup>

[*hinc lucum ingentem, quem Romulus acer asylum  
rettulit, et gelida monstrat sub rupe Lupercal  
Parrhasio dictum Panos de more Lycaei.  
nec non et sacri monstrat nemus Argileti  
testaturque locum et letum docet hospitis Argi.*]

[*Mostra depois o sacro extenso bosque  
Que em asilo tornou Rômulo astuto,  
E debaixo d’um gélido rochedo  
O Lupercal, do Lácio Pã chamado,  
Ao Parrásio costume. Do Argileto  
Lhe mostra mais o consagrado bosque  
Do hóspede Árgos a morte lhe refere.*]<sup>84</sup>

Mencionado também por Tito Lívio, o asilo é uma peça chave e, ao mesmo tempo, polêmica da narrativa de fundação da *urbs*, visto que Rômulo, por meio dele, conseguiu ampliar o contingente populacional, acolhendo necessitados e refugiados de toda espécie.<sup>85</sup> A rocha em questão é o local escolhido pela loba para abrigar os gêmeos Rêmo e Rômulo e também o ponto de partida das procissões da *Lupercalia* – festividade dedicada a Fauno Luperco que acontecia durante o mês de fevereiro no calendário romano.<sup>86</sup> Deste local, os lupercos, uma confraria de sacerdotes, corriam nus pelo Palatino munidos com tiras de couro açoitando as mulheres que encontravam pelo caminho. No imaginário religioso romano, o ritual simbólico de flagelamento tinha o propósito de tornar as mulheres férteis e saudáveis, especialmente as recém-casadas. A Parrásia mencionada no poema era um distrito do oeste da Arcádia que incluía o monte *Likayeos*, local de nascimento de Zeus *Likayeos* e origem do culto de Pã *Likayeos* que os romanos assimilaram a Fauno.<sup>87</sup> Segundo a tradição acompanhada por Virgílio, foram os árcaides de Evandro os responsáveis pela introdução desta festividade em Roma. Cabe lembrar também que *λύκος* é a palavra grega para lobo o que sugere sua associação com o mito da loba e com os gêmeos, Rômulo e Remo.

No tempo de Virgílio, havia certo esforço para preservar os locais associados à topografia heroica/fundacional da cidade. De acordo com



<sup>81</sup> *Idem.*

<sup>82</sup> *Idem.*

<sup>83</sup> Ver VIRGÍLIO. *Eneida*, *op. cit.*, VIII. 342-343. Trad. José Victorino Barreto Feio e José Maria da Costa e Silva. 2004.

<sup>84</sup> *Idem, ibidem*, VIII. 342-346.

<sup>85</sup> Ver TITO LÍVIO, *op. cit.*, I.08. Sugerimos a esse propósito as discussões de Emma Dench sobre as versões literárias e as apropriações políticas e simbólicas dos mitos do Asilo de Rômulo e do Rapto das Sabinas, condensadas no livro *Romulus’ Asylum: Roman identities from the age of Alexander to the age of Hadrian*. Oxford: Oxford University Press 2005.

<sup>86</sup> Sobre a descrição destas festividades ver OVID. *Fasti*, *op. cit.*, II 267-424.

<sup>87</sup> Cf. DIONÍSIO DE HALICARNASSO, *op. cit.*, I. 32, 1-4.

<sup>88</sup> Cf. PLATNER, Samuel Ball. *A topographical dictionary of Ancient Rome*. London: Oxford University Press, 1929, p. 321. *Res Gestae*, 19.

<sup>89</sup> Cf. DIONÍSIO DE HALICARNASSO, *op. cit.*, I. 79.08.

<sup>90</sup> VIRGÍLIO. *Eneida*, *op. cit.*, VIII. 345. Trad. José Victorino Barreto Feio e José Maria da Costa e Silva. 2004.

<sup>91</sup> *Idem*, *ibidem*, VIII. 360-361

<sup>92</sup> *Idem*, *ibidem*, VI. 836 e 853.

<sup>93</sup> Ver CLARIDGE, Amanda, *op. cit.*, p. 268.

<sup>94</sup> *Idem*.

o *Topographical dictionary of Ancient Rome*, é possível supor que a gruta do Lupercal contasse com algum tipo de entrada monumental, pois a restauração da mesma é recordada nas *Res Gestae* com um conjunto de outras construções na cidade: *Lupercal feci*.<sup>88</sup> Dionísio de Halicarnasso, que aparentemente visitou a gruta no tempo em que esteve em Roma, afirma que o bosque romúleo havia desaparecido, mas a caverna da qual jorrava uma fonte era ainda presente, edificada no declive do Palatino, perto da qual um recinto sagrado guardava uma estátua em bronze da Loba com os gêmeos.<sup>89</sup> O historiador grego utiliza o particípio *προσωκοδομημενον* para se referir à caverna *αντρον* do Palatino; o particípio é derivado do verbo *προσοικοδεω*, “construído sobre”, composto da preposição (“em adição”, ou “para além”) *προσ* + *οικοδομεω* (verbo edificar). O mesmo parece indicar algum tipo de intervenção arquitetônica na cavidade natural rochosa, sobre a qual podemos apenas especular: um anexo para os preparativos da Lupercalia ou um acesso monumental, como sugere o dicionário topográfico de Platner.

Por Argileto, citado no excerto acima da *Eneida*,<sup>90</sup> os romanos compreendiam uma pequena elevação situada entre o Fórum e o Quirinal. Segundo a tradição, mencionada por Virgílio, seu nome deriva de Argos, um hóspede que foi acolhido por Evandro e planejou seu assassinato. O rumor do atentado incendiou a fúria da população, que o executou à revelia do monarca. Ao tomar conhecimento do fato, Evandro ergueu um túmulo para Argos como monumento expiatório dando assim nome ao local. A oscilação entre o “hoje” e o “ontem” (“*nunc/olim*”) prossegue ao longo da travessia até Palanteu. No local onde se elevava, no seu tempo, o lauto bairro das Carinas (Oeste do Esquilino) e o Fórum Romano, Virgílio preenche na narrativa com pastos e rebanhos, justapondo, assim, a imagem de uma paisagem idílica à imponente Roma de Augusto.<sup>91</sup> O poeta invoca algumas cenas vindouras que são igualmente alheias aos transeuntes da narrativa.

Passando pelo Argileto, Evandro conduz Enéias pelas adjacências da rocha Tarpéia e do Capitólio, uma das sete colinas de Roma, célebre pela presença do monumental templo de Júpiter. Talvez, por exigência métrica, o nome aparece sempre no plural, *Capitolia*, ao qual se unem os adjetivos *alta* e *celsa* e por fim, *aurea*.<sup>92</sup> Na jornada do herói pelos Campos Elíseos, no Livro VI da *Eneida*, o Capitólio é mencionado, pela primeira vez no texto, em relação ao cortejo triunfal que tinha sua culminância no Templo de Júpiter Capitolino no qual, por regra, o general *Triumphator* oferecia um sacrifício ao chefe do Panteão.

Um dos principais edifícios de culto da religião romana, a construção do Templo é atribuída à dinastia dos reis Tarquínios de Roma, mas sua dedicação coincide com o ano de nascimento da República Romana em 509 a. C. As ruínas de sua estrutura, por si só, são impressionantes. Uma parte do *podium* pode ser vista hoje no *Pallazzo de Conservatori*, uma plataforma composta de blocos retangulares de pedra denominada tufa que media aproximadamente cinquenta e quatro por setenta e quatro metros.<sup>93</sup> Além da estátua de culto de Júpiter, o templo hospedava, em uma *cella* tripartida, as estátuas de Juno e Minerva. Sob a proteção da Tríade Capitolina eram mantidos os Livros Sibílicos, uma coleção de textos oraculares proveniente do santuário de Apolo em Cumas. Segundo Amanda Claridge, qualquer esboço da composição arquitetônica deste edifício é meramente especulativo e tem por base as descrições literárias e o que se conhece dos templos etruscos do período.<sup>94</sup> Destruído em 83 a. C., a superestrutura foi reerguida

com colunas de mármore no consulado de Quinto Lutácio Catulo e, muito provavelmente, foi esta segunda versão do Templo de Júpiter Capitolino que inspirou a descrição de Virgílio.

No Livro VIII da *Eneida* a colina ocupa uma posição importante na visita do herói troiano ao sítio da futura Roma. Sobre o Capitólio o poeta adverte: “agora brilhante de ouro, outrora eriçado de espinhais silvestres” – *aurea nunc, olim siluestribus horrida dumis*.<sup>95</sup> Nesta passagem, Virgílio possivelmente está se referindo ao processo arrojado de restauração e embelezamento dos templos que teve lugar no Principado de Augusto. Fora o templo de Júpiter Capitolino, o monte abrigava um conjunto de santuários como o templo de Júpiter *Feretrius*, o santuário de *Fides* e *Ops* e o Templo de Juno Moneta. Mais adiante, o poeta elucida a vinculação do cume com o deus tronante,

[*hoc nemus, hunc* inquit *frondoso uertice colem*  
(*quis deus incertum est*) *habitat deus; Arcades ipsum*  
*credunt se uidisse Iouem, cum saepe nigrantem*  
*aegida concuteret dextra nimbosque cieret.*]

[Neste bosque, neste outeiro  
De vértice frondoso habita um deus,  
Qual seja o deus, se ignora: o mesmo Jove  
Creem, muitas vezes, os árcades ter visto  
Com a destra manejando a negrejante  
Égide e as tempestades excitando.]<sup>96</sup>

Virgílio parece projetar nos árcades de Evandro o mesmo temor e reverência que os romanos nutriam por estes locais. Numa alusão ao futuro histórico, especifica que os camponeses tremiam à simples visão que o bosque e a rocha Tarpeia inspiravam.<sup>97</sup> Basta considerarmos que, nos tempos históricos, os magistrados precipitavam desta pedra os delinquentes e condenados por crime de traição. O nome remete ao período da Realeza, pois Tarpéia foi a filha de um aristocrata romano que, seduzida por Tito Tácio (rival de Rômulo), facilitou a entrada dos sabinos na fortaleza Capitolina.<sup>98</sup>

Aos quadros da Roma histórica, Virgílio intercala os referentes de uma idade primordial, bem anterior à chegada de Hércules ou Evandro ao Lácio. Ao redor de Palanteu, o árcade revela a Enéias as relíquias (“*reliquiae*”) de antigas povoações, indícios da passagem de Saturno pelo Lácio e da soberania de Jano.<sup>99</sup> Essas duas cidades fortificadas, no latim *oppida* e *arces*, levaram o nome de seus respectivos fundadores, sendo assim lembradas como *Saturnia* e *Ianiculum*. Por *Ianiculum* os interlocutores do poeta compreendiam a colina a leste do Tibre que foi incorporada ao território urbano de Roma no reinado de Anco Márcio.<sup>100</sup> De acordo com a obra de Varrão, *Sobre a língua latina*, *Saturnia* é o nome anterior do monte Capitolino.<sup>101</sup> Agostinho na obra *Cidade de Deus* cita uma tradição registrada por Varrão, segundo a qual Jano era rei antes da chegada de Saturno na Itália.<sup>102</sup> Acolhido pelo deus bifronte, ambos compartilharam a soberania do Lácio e fundaram cidades separadas, *Ianiculum* e *Saturnia*. Inseridas na paisagem de Palanteu, as ruínas dessas fortificações aparecem como “monumentos dos homens outrora” (“*ueterumque monumenta uirorum*”) que, na descrição poética da *Eneida*, aprofundam a dimensão narrativa para uma temporalidade pré-árcade. A relação de Evandro com estas relíquias é de reverência

<sup>95</sup> VIRGIL. *Aeneid*, *op. cit.*, VIII. 345-348. Transl. H. Rushton Fairclough. 1916.

<sup>96</sup> VIRGÍLIO. *Eneida*, *op. cit.*, VIII. 351-354. Trad. José Victorino Barreto Feio e José Maria da Costa e Silva. 2004.

<sup>97</sup> *Idem*, *ibidem*, VIII. 349-350.

<sup>98</sup> Ver TITO LÍVIO, *op. cit.*, I.11

<sup>99</sup> Ver VIRGIL. *Aeneid*, *op. cit.*, VIII. 356-358. Transl. H. Rushton Fairclough. 1916.

<sup>100</sup> Ver TITO LÍVIO, *op. cit.*, I.33.

<sup>101</sup> Cf. VARRÃO. *Sobre a língua latina*. V. 42. Para esta obra nos baseamos na seguinte edição: VARRO. *On the latin language*: v. I., books 5-7. London: William Heinemann, 1914.

<sup>102</sup> VARRÃO *apud* AGOSTINHO. *Cidade de Deus*, VII. 4. Ver AUGUSTINE. *City of God*. Harvard: University Press, 1963 (The Loeb Classical Library).

da mesma forma que os contemporâneos de Virgílio observavam com respeito e admiração estes locais na paisagem de Roma.

### **Virgílio e a topografia heroica de Roma: temporalidades narrativas do épico**

Longe de endossar uma versão canônica para o mito fundador ou de ingressar nas querelas dos eruditos gregos e latinos, Virgílio buscou o alinhamento de tradições plurais em seu poema épico, construindo para os espaços sagrados da *urbs* uma etiologia heroica. O poeta mantendo optou por apresentar o fundador de Palenteu como aliado político de Enéias e presentificar a memória de Hércules por meio do rito que era ainda observado em seu tempo. Muito provavelmente, a arquitetura temporal da *Eneida* favoreceu essa última solução, permitindo acomodar tais tradições na narrativa, sem prejuízos para o elemento troiano. O amálgama de narrativas fundacionais pode ser um reflexo da compreensão que os romanos tinham de si mesmos como um povo plural do ponto de vista étnico e da capital como uma cidade tão antiga que seu começo era quase impossível de se precisar. No tempo de Virgílio, a cidade reunia aproximadamente um milhão de almas de procedências variadas, culturas e práticas religiosas muito antigas. Certamente, este contexto cosmopolita influenciou a construção poética daqueles que se propuseram a pensar a Roma dos primórdios. Enquanto epopeia mítico-histórica, a *Eneida* é um importante documento sobre a percepção da geografia religiosa da cidade, especificamente pelo uso que o poeta faz das *prolepsis* e da *écfrase* no excerto do Livro VIII que analisamos. Na descrição da visita de Eneias pelo sítio de Roma, buscamos demonstrar o efeito de compressão e, ao mesmo tempo, diluição das temporalidades narrativas. Tal como foi observado, não se trata de uma descrição da paisagem à maneira das narrativas geográficas, pois aspectos de temporalidades diversas da toponímia são compactados na construção poética da cidade. Como é possível perceber, o poema épico lança luz sobre os acontecimentos recentes da história romana e se utiliza do quadro de referências mentais dos interlocutores, sua memória recente, para ilustrar os acontecimentos do passado fundacional.

*Artigo recebido e aprovado em dezembro de 2018.*